

Quando o irrelevante é decisivo

Caleb Faria Alves
(professor do Dpto de Antropologia do IFCH da UFRGS)

O impeachment da Dilma será julgado por 8 réus do STF investigados por crimes eleitorais, crimes contra o sistema financeiro, emprego irregular de verbas públicas, entre outros. Mas isso não é importante. A divulgação das gravações, já foi admitido por Moro, foi ilegal. E o que é que tem? Segundo ele, temos que analisar o conteúdo. No conteúdo, Lula e Dilma, é flagrante, não dizem nada que pode ter qualquer implicação criminal. Mas isso não deve ser levado em conta, as gravações precisam, apesar disso, aparecer no Jornal Nacional, o povo tem direito de escutar. Numa conversa entre Marisa e o filho, por exemplo, divulgada dois dias atrás, eles ironizam o pannelo. A veiculação é apresentada como fundamental para a democracia brasileira. O que exatamente eles disseram que ofende o povo, as instituições, que poderia ser anexado aos autos de algum processo? Nada, conversa corriqueira entre mãe e filho e, dadas as suas posições, bastante óbvia. O povo, mesmo assim, não pode deixar de saber. Como precisa saber que Lula é dono de um apartamento no Guarujá e de um sítio em Atibaia. Como sabemos? Eu vi no jornal da Globo: segundo Moro, alguns corretores fizeram propaganda para os seus clientes de que, caso efetuassem uma compra naquele condomínio, iriam conviver com o ex-presidente. Isso sim é prova definitiva que merece, outra vez, o Jornal Nacional. Delúbio (e outros já o haviam feito) cita nomes do PSDB nas suas denúncias. Que bobagem se preocupar com isso nesse momento. Temos que correr atrás do Lula, que, obviamente foi se esconder no STF quando aceitou o cargo no Planalto ... no mesmo STF que colocou vários petistas na cadeia e que para ele, segundo a Globo, é formado por covardes? Pra quê construir um argumento lógico? É dispensável para a justiça e para o bem da nação. Todos sabemos que ele obstruiu a justiça sem ser réu de nenhum processo através de documento de posse que não poderia ser usado como salvo conduto porque não estava assinado pela Dilma. A frase: "em caso de necessidade", dita por Dilma, prescinde de qualquer outra evidencia por que o Brasil precisa ser salvo de pessoas que se envolveram com o esquema do Lava Jato. Então vamos tirar o PT do governo: tem 6 nomes do partido na lista dos implicados. Vamos colocar o Temer no poder sob a batuta do Cunha. Irrisório lembrar que o Cunha também está citado no processo e que o PMDB tem 7 políticos envolvidos. De algum político do PP, que tem mais de 30 nomes citados, é dispensável divulgar qualquer gravação que seja.

É fácil continuar essa descrição de insanidades por muitas e muitas linhas. Tem gente completamente perplexa, sem entender nada. Alguns argumentam que o bem maior suplanta tecnicismos jurídicos. Um olhar desapaixonado do quadro geral, no entanto, mostra que não é isso que está em jogo. Leva a uma primeira e clara conclusão: estamos num momento de definição do que compreende a arena política. Desnecessário dizer que não se trata de defender nenhum corrupto. Ladrão tem que ir para cadeia. No entanto, não existe meia justiça. Ou se investiga o Lava Jato sem privilegiar esse ou aquele partido como réu, ou é perseguição pura e simples, disputa entre ladrões pela chave do cofre. A segunda opção não me serve.

A falta de lógica, no entanto, não explica o que leva a Globo, ou Moro, a essa peneira tão seletiva e esdrúxula do que é e do que não é importante para o país. Deve, na verdade, ser levada muito a sério. Ou seja, quais são essas arenas e o que elas dizem

sobre o que efetivamente está em disputa no Brasil hoje? A resposta está no exame desses conteúdos irrelevantes que estão o tempo todo nos jornais televisivos e impressos. O que o Brasil descobriu nos últimos dias? Que Marisa é capaz de pronunciar a palavra "cú", que chama opositores do PT de "coxinhas", que o Lula trata Dilma por "querida", se refere a Curitiba como uma "república", que depois de submetido a uma encenação midiática de prisão, aviltante contra a justiça, usou termos como "covardes" para se referir ao judiciário.

Não estou omitindo ou esquecendo que, de fato, gravações do filho de Lula, por exemplo, mostram que ele age como dono do sítio em Atibaia. Precisa ser explicado. A notícia no Jornal Nacional começa informando que gravações inéditas revelam "ligação da família Lula com o sítio em Atibaia". O que esperávamos a seguir? As tais ligações. A reportagem prossegue: informa que a gravação foi obtida na véspera de uma manifestação na frente da propriedade, e que o filho de Lula e Kalil (irmão do proprietário legal do imóvel), demonstram "receio de que as manifestações pudessem reunir uma grande quantidade de pessoas". As imagens iniciais mostram o sítio visto de cima, em sobrevôo, com destaque para suas instalações: casas, carros, piscina, lago, etc. Há um corte e somos transportados para o nível do solo, para uma câmera deitada no gramado. Vemos carros atravessando o que parece ser a portaria, que é controlada por dois homens de farda militar (que ninguém sabe quem são). O ponto de vista sugere que a imagem foi obtida com câmera oculta ou através de algum subterfúgio inexplicado. Novo corte: foto do filho de Lula, em seguida a de Bittar, aparecem na tela. No segundo plano um duto de metal corroído por ferrugem. Na parte de baixo, notas de 100 reais. A imagem se move como se estivéssemos espiando cada vez mais fundo nesse túnel podre de dinheiro. Quando começamos a ouvir as gravações, esse duto é apresentado de fora e as notas jorram a céu aberto. Vemos que se trata das instalações da Petrobrás. Opa, perai ... exatamente como foi feita a ligação entre o sítio e a estatal? Não vamos perder tempo com insignificâncias, não é preciso provar o que todo mundo sabe. Ao fundo, Fábio Luis instrui Kalil para comprar cerveja, picanha, passar o dia num churrasco à beira da piscina. Quem quiser conferir, foi na edição de 18 de março, disponível na internet.

Vou mudar a cena por um breve momento. Pouquíssimo destaque recebeu a resposta de FHC quando soube que Delúbio mencionou seu nome na delação sobre a corrupção na Petrobrás. Disse o ex-presidente: "No meu governo, no tempo de Jesus Cristo, houve alguém que fez alguma coisa errada. Sempre ocorreu." Portanto, nada de mais. Não tem duto de dinheiro ou Petrobrás corroída no segundo plano. Nas imagens, ele é mostrado em atitude professoral. Parece que está palestrando, mostrando caminhos.

O que me chama atenção é que essas imagens e textos constroem uma pertinência entre origens sociais e comportamentos. Certamente Aécio, Cunha, Moro ou Atajiba já usaram palavras piores do que "covardes" para se referir a juízes, parlamentares, adversários políticos, parentes, funcionários do governo ou para reclamar de um garçom que demorou no atendimento. Como eu sei? São humanos. Ninguém deixa de fazê-lo. Por que nunca ouvimos? Porque, no geral, isso é tido como inadequado. O jornalismo tem como anti-ética a divulgação de uma explosão emotiva momentânea. Sabem que há uma diferença entre isso e fazer jornalismo com falas sérias e bem construídas que de fato exprimem opiniões. Quem nunca falou mal da própria mãe ou pai? A questão central, portanto, é: de onde veio a licença para quebrar essa regra?

A resposta pode ser encontrada no conselho que eu li uma vez numa revista feminina: jamais, em hipótese alguma, por qualquer razão que seja, permita que seu marido te veja cortando as unhas. Esse é ponto. Temos uma classe de pessoas que parece existir acima das demandas do corpo (principalmente as daquela parte citada por

Marisa). Existem nas nuvens. Tudo que fazem é perfeito, lindo, estão sempre na moda. Erram? Claro que sim, mas não conhecem as partes internas dos esgotos da sociedade. Não têm que fazer prova de exposição de intimidade no BBB para ter direito a uma vida boa. Não nasceram no chão das fábricas. Estão no ambiente que é deles por direito.

O silêncio ético sobre bobagens que todos falam foi revertido em signo de pureza de uma classe, como se nunca acontecesse. Como isso foi feito? Através da exposição intensa de intimidades e opiniões dos parentes do Lula e da Dilma com o objetivo de torná-los indevidamente humanos. Essa gente que fala palavrão e come, imaginem, churrasco, são invasores do universo sagrado das pessoas que têm sítios lindos e bucólicos, que frequentam, de preferência, a Ilha de Caras, com suas famílias harmoniosas e felizes. A mídia está apostando no nojo e na repulsa. Não aguenta o PEC das domésticas, pobres e negros nas universidades, ex-miseráveis com comida no prato, reconhecimento da união homo afetiva. Do outro lado, por omissão e por benefício de enquadramento, certas figuras estão sendo associadas a esse mundo idílico de perfeição. Nunca ficamos sabendo de qualquer deslize da parte delas. Processar o Aécio? De jeito nenhum. É certo que está no esquema, mas alguém consegue imaginar aquela palavra saindo da boca de uma pessoa que veste aqueles ternos? Que desfila com aquele corte de cabelo? Com aquelas namoradas? Não é à toa que o Bolsonaro está se dando tão bem no atual quadro político.

A história da democracia, em qualquer lugar, passou por um rompimento com as associações presentes nessas imagens. Somos iguais. Essa verdade deve ser afirmada em qualquer situação. É isso que o Brasil espera do seu judiciário, da mídia, das suas instituições. Quando reclamamos da desigualdade de tratamento, não é por apoio a quem quer que tenha cometido crime, é por espírito republicano. A pior corrupção do sistema não é o desvio de dinheiro, é o sequestro da esfera política para as mãos de um pequeno grupo. A república não tem interesse no palavreado da Marisa, qualquer que seja ele. Queremos justiça ampla, isenta e séria.